



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA INFORMAÇÃO - ICHI
BACHAREL EM BIBLIOTECONOMIA



Tatiane de Oliveira Martins

MEMÓRIA COMO FONTE DE INFORMAÇÃO: um estudo da Ilha dos Marinheiros,
Rio Grande/RS.

Rio Grande
2022

Tatiane de Oliveira Martins

MEMÓRIA COMO FONTE DE INFORMAÇÃO: um estudo da Ilha dos Marinheiros,
Rio Grande/RS.

Monografia apresentada à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, referente ao primeiro semestre letivo de 2022 do Curso de Bacharelado em Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Prof. Dr. Claudio Renato Moraes da Silva.

Rio Grande
2022

Ficha Catalográfica

M386m Martins, Tatiane de Oliveira.

Memória como fonte de informação : um estudo da Ilha dos Marinheiros, Rio Grande/RS. / Tatiane de Oliveira Martins. – 2022.
66 f.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Biblioteconomia)
– Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Curso de
Biblioteconomia, Rio Grande/RS, 2022.

Orientador: Dr. Claudio Renato Moraes da Silva.

1. Ilha dos Marinheiros 2. Rio Grande/RS 3. Memórias 4. Fontes
de informação 5. História oral I. Silva, Claudio Renato Moraes da II.
Título.

CDU 930:028.7(816.5RG)

Catálogo na Fonte: Bibliotecária Valéria Carlosso dos Santos Mazui CRB 10/2704

Memória como fonte de informação: um estudo da Ilha dos Marinheiros, Rio Grande/RS.

Monografia apresentada à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, referente ao primeiro semestre letivo de 2022 do Curso de Bacharelado em Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Claudio Renato Moraes da Silva – Orientador - ICHI/FURG

Prof.^a Dr.^a Maria Helena de Machado Moraes - ICHI/FURG

Bibliotecária Luciane Silveira Amico Marques

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço aos moradores da Ilha dos Marinheiros pelo acolhimento ao me receberem em suas casas compartilhando comigo suas memórias de vida.

A minha mãe que sempre esteve do meu lado me incentivando a correr atrás dos meus sonhos, ao meu pai por ter me dado todo o suporte ao longo da graduação, aos meus irmãos por me apoiarem incondicionalmente em todos os momentos, ao meu sobrinho william por ter suportado meus surtos ao longo do curso.

Aos colegas do curso de biblioteconomia, especialmente minha querida amiga Ingrid Dutra que esteve ao meu lado durante toda a graduação e nunca deixou que eu desistisse do curso.

Ao professor Cláudio Renato Moraes pela orientação que me estimulou a vencer os desafios que a pesquisa trouxe ao longo de sua elaboração.

A todos os professores do curso de Bacharel em biblioteconomia que me acompanharam durante a minha formação.

A Universidade Federal do Rio Grande, Instituição pela qual tenho muita gratidão por todo apoio e acolhimento durante a graduação.

Gratidão!

“A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê.”

Arthur Schopenhauer

LISTA DE ABREVIATURAS

FURG	Universidade Federal do Rio Grande
RS	Rio Grande do Sul
BRAPCI	Base de Dados em Ciência da informação

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Mapa da Ilha dos Marinheiros.....	15
Quadro 01- Buscas realizadas na base de dados Brapci.....	18
Figura 02 - Imagem Capela de São João Batista.....	27
Figura 03 - Imagens ruínas na Ilha dos Marinheiros.....	29
Figura 04 - Imagens ruínas na Ilha dos Marinheiros.....	29
Figura 05 - Casa centenária na Ilha dos Marinheiros	30
Figura 06 - Imagem das festas religiosas	30
Figura 07 -Imagens tradicionais arcos das festas religiosas.....	32
Figura 08 - Imagem Banda da Ilha dos Marinheiros.....	32
Figura 09 - Imagens dos times de futebol	34
Figura 10 - Imagem da senhora Claudete.....	35
Figura 11 - Imagem da senhora Maria Quaresma.....	36
Figura 12 - Ternos de reis na Ilha dos Marinheiros.....	37
Figura 13 - Frutas prontas para serem comercializadas na doca do mercado.....	37
Figura 14 - Tanques que eram usados para misturar os agrotóxicos.....	39
Figura 15 - Barcos na doca do Mercado Público.....	40
Figura 16 - Réstia de cebola.....	41
Figura 17 - Senhor Dinarte Ferreira confeccionando balaios.....	42
Figura 18 - Balaios confeccionados pelo Senhor Dinarte Ferreira.....	42
Figura 19 - Pé de vime.....	43
Figura 20 - Escola Inês dos Santos.....	44
Figura 21 - Pássaros de madeira.....	45
Figura 22 - Réplicas de barcos de madeira.....	47
Figura 23 - Balsa de madeira.....	48
Figura 24 - Balsa de madeira com os materiais para a instalação da energia.....	50
Figura 25 - Cacimba usada para retirar água.....	51
Figura 26 - Bomba de água manual.....	51
Figura 27 - Balsa que fazia o transporte na Ilha dos Marinheiros.....	52
Figura 28 - Ponte Wilson Mattos Branco.....	54
Figura 29 - Reportagem da RBSTV.....	55
Figura 30 - Carreiras de caicos.....	56
Figura 31 -Aletria um dos pratos típicos da Ilha dos Marinheiros.....	57
Figura 32 - Lagar utilizado para a fabricação de vinho e jurupiga.....	58

RESUMO

A memória é construída coletivamente, pode ser constituída de acontecimentos, personagens, pessoas e lugares, é um acervo vivo em constante construção, a partir dela podem ser contadas as histórias das mais variadas culturas através da oralidade. O estudo do presente trabalho tem como objetivo ouvir as falas dos moradores da Ilha dos Marinheiros no município do Rio Grande\RS e tratar essas memórias como fonte de informação; como objetivos específicos buscou-se coletar, por meio da oralidade, informações acerca dos costumes, das tradições, dos valores, das crenças e dos saberes; identificar o que sabem os moradores da Ilha dos Marinheiros, Rio Grande\RS e que constitui sua origem e raízes e representar e apresentar essas memórias recuperadas como fontes de informação. A metodologia utilizada foi a técnica da história oral, a pesquisa é de cunho qualitativo, foram entrevistados os moradores que a mais tempo moram na localidade da ilha. Ao final do estudo constatou-se que as memórias dos moradores da Ilha dos Marinheiros podem sim, serem usadas como fonte de informação. Pode-se perceber a grande diversidade cultural que a comunidade apresenta herdada dos colonizadores que colonizaram o local.

Palavras chaves: ilha dos Marinheiros; Rio Grande, RS; Memórias; fonte de informação; história oral.

ABSTRACT

Memory is built collectively, it can be made up of events, characters, people and places, it is a living collection in constant construction, from which the stories of the most varied cultures can be told orally. The study of the present work aims to listen to the speeches of the residents of Ilha dos Marinheiros in the municipality of Rio Grande\RS and treat these memories as a source of information; as specific objectives, we sought to collect, through orality, information about customs, traditions, values, beliefs and knowledge; identify what the residents of Ilha dos Marinheiros, Rio Grande\RS know and what constitutes their origin and roots and represent and present these recovered memories as sources of information. The methodology used was the technique of oral history, the research is of a qualitative nature, the residents who have lived in the island for the longest time were interviewed. At the end of the study it was found that the memories of the residents of Ilha dos Marinheiros can indeed be used as a source of information. One can see the great cultural diversity that the community has inherited from the settlers who colonized the place.

Keywords: Island of Mariners; Rio Grande, RS; Memoirs; source of information; oral history

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
1.1 Objetivos.....	12
1.1.2 Objetivos específicos.....	12
1.2 Justificativa.....	12
1.3 Tema.....	13
2. REVISÃO DA LITERATURA.....	15
2.1 História da Ilha dos Marinheiros.....	15
2.2 Tecendo Memórias.....	17
2.3 Memória social.....	18
2.5 Fontes de informação.....	22
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	25
3.1 Método de pesquisa.....	25
3.2 Tipo de pesquisa.....	25
3.3 Universo de pesquisa.....	25
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	27
5 Considerações finais.....	60
REFERÊNCIA.....	62
APÊNDICE – Termo de Autorização de uso de entrevistas/falas e imagens utilizado com os entrevistados desta pesquisa.....	66

1 INTRODUÇÃO

Atualmente temos à nossa disposição uma infinidade de fontes de informação, como por exemplo, desenhos, pinturas, documentos impressos, documentos eletrônicos, jornais eletrônicos, jornais impressos, repositórios institucionais, entre outros, ou seja, tudo aquilo que é capaz de transmitir qualquer tipo de informação deve ser considerado uma fonte de informação.

A memória de um povo representa um papel importante dentro das fontes de informação contribuindo para a construção do conhecimento social de uma comunidade

Memória coletiva é o processo social de reconstrução do passado vivido e experimentado por um determinado grupo, comunidade ou sociedade. Este passado vivido é distinto da história, a qual se refere mais a fatos e eventos registrados, como dados e feitos, independentemente destes terem sido sentidos e experimentados por alguém. (LE GOFF, 2003).

Levando em consideração a relevância do tema memória como fonte de informação, este trabalho visa investigar a memória como fonte de informação para isso utilizará como objeto de estudo a memória dos moradores da Ilha dos Marinheiros, Rio Grande\RS. De acordo com Azevedo (2003), a Ilha dos Marinheiros é considerada patrimônio histórico da cidade do Rio Grande, podendo ser vista como a ilha mais importante da região sul do estado devido suas riquezas naturais, e por ainda preservar valores culturais açorianos.

Partindo das premissas que a localidade apresenta uma riquíssima história cultural oriunda da colonização portuguesa e que seus moradores possuem memórias que seriam importantíssimas para serem utilizadas com fontes de informações, o presente trabalho tem como finalidade investigar as memórias dos moradores da Ilha dos Marinheiros, Rio Grande/RS.

O trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa, não se preocupa com contagens numéricas e sim em entender e interpretar seu objetivo de pesquisa, a metodologia utilizada foi a de história oral, onde foram realizadas entrevistas com moradores da Ilha dos Marinheiros, Rio Grande/RS que aceitaram participar do estudo, foram feitas perguntas abertas, orientadas por um roteiro livre.

Com os resultados obtidos pode-se constatar quais eram as memórias dos moradores da Ilhas dos Marinheiros, Rio Grande/RS, obtemos por meio da oralidade informações sobre as suas bebidas tradicionais, culinária e suas crenças

religiosas. Contamos um pouco da história da Ilha dos Marinheiros pelo olhar dos seus moradores mais antigos.

1.1 Tema

As memórias dos moradores da Ilha dos Marinheiros como fonte de informação.

1.1.1 Problema de pesquisa

A Ilha dos Marinheiros possui muitas tradições culturais, algumas delas foram herdadas dos Portugueses que colonizaram o local e outras acabaram sendo incorporadas ao longo tempo e passado de geração em geração aos seus habitantes através da oralidade. levando em conta a importância histórica da Ilha dos Marinheiros, este trabalho tem como problema de pesquisa o seguinte questionamento, as memórias dos moradores da Ilha dos Marinheiros podem ser usadas como fonte de informação?

1.1.2 Objetivos

Os objetivos estão divididos em objetivo geral e objetivos específicos

1.2 Objetivo geral

Investigar a memória, como fonte de informação, através dos moradores da Ilha dos Marinheiros no município do Rio Grande\RS.

1.3 Objetivos específicos

A) Identificar a memória, dos moradores da Ilha dos Marinheiros, Rio Grande, RS;

B) Conhecer através da memória dos moradores da Ilha dos Marinheiros, Rio Grande,RS informações acerca de tradições, religiosidades, crenças e saberes.

C) Apresentar e representar as memórias recuperadas como fontes de informação.

1.4 Justificativa

Desde o primeiro momento que ingressei no curso de bacharel em biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, no ano de 2018, possuía o desejo de abordar um tema que tivesse relação com a Ilha dos Marinheiros por ter uma grande admiração pela rica história cultural do local onde vivo.

Durante o segundo semestre, emergencial do ano de 2020, este desejo ganhou mais incentivo quando cursei as disciplinas de memória e cultura ministrada pela professora Mariza Inês da Silva Pinheiro e a disciplina de ação cultural com o professor Claudio Renato Moraes da Silva, onde pude perceber que preservar a memória de um povo é importantíssimo para que as gerações futuras tenham acesso a estas informações, conhecer a história de uma civilização é importantíssimo para conhecermos nossas raízes culturais.

Quem não vive as próprias raízes não tem sentido de vida. O futuro nasce do passado, que não deve ser cultuado como mera recordação e sim ser usado para o crescimento no presente, em direção ao futuro. Nós não precisamos ser conservadores, nem devemos estar presos ao passado. Mas precisamos ser legítimos e só as raízes nos dão legitimidade (PEDROSO, 1999, p 33).

O profissional bibliotecário tem um papel fundamental na conservação destas memórias trabalhando com um agente cultural, divulgando e protegendo essas informações e criando projetos de ações culturais com o intuito de prover essas memórias, a fim de preservá-las para que as gerações futuras tenham acesso.

1.5 Hipótese

As memórias dos moradores da Ilha dos Marinheiros são relevantes como fonte de informação para a cultura nacional.

As memórias dos moradores da Ilha dos Marinheiros não são relevantes como fonte de informação para a cultura nacional.

2. REVISÃO DA LITERATURA

Nesta seção, para melhor entendimento do que se pretende investigar, serão abordados temas referentes à história da Ilha dos Marinheiros, conceitos a respeito da memória, memória social e fontes de informação.

2.1 História da Ilha dos Marinheiros

De acordo com Vasconcellos; Kalikoski (2013), a ilha dos Marinheiros está localizada às margens da lagoa dos patos, possui uma área de cerca 10.000k, é reconhecida como a maior lagoa do tipo estrangulamento do mundo.

A localidade teve papel importante na colonização da cidade do Rio Grande /RS, os marinheiros portugueses iam até o local em busca de madeira e água para abastecer a cidade, por este motivo a ilha recebeu o nome de Ilha dos Marinheiros. O local também serviu como presídio para militares indisciplinados como explica Maciel (2000) “tratando-se na época de um lugar de difícil acesso, foi utilizada como presídio para lá eram enviados a título de punição, os soldados que não mantinham um padrão disciplinar” (MACIEL, 2000, p.4). De acordo com Ruivo (1994), A Ilha dos Marinheiros foi reconhecida como parte da cidade do Rio Grande em 1737.

No ponto de vista histórico podemos destacar, segundo Azevedo (2003), a existência de um quilombo no local que recebeu o nome de negro Lucas anterior ao ano de 1883, o grande plantio de milho, feijão, uva e produção de vinho colonial. No ano de 1845 a ilha recebeu a ilustre visita de Dom Pedro II que foi até o local para conhecer de onde vinha os alimentos que abasteciam a cidade do Rio Grande.

A figura 1 representa o mapa da Ilha dos Marinheiros



Fonte: <https://www.ridebrasil.com/?p=3162>, 2020?

As principais atividades econômicas da Ilha dos Marinheiros são a pesca artesanal e a agricultura familiar. A produção é escoada em sua grande maioria por embarcações, que levam os produtos pela lagoa dos patos até o centro do Rio Grande para serem comercializados no mercado municipal ou hortifrutigranjeiro, no passado a ilha era responsável por abastecer todo o comércio do município, atualmente é responsável aproximadamente por 80% das hortaliças consumidas pela cidade do Rio Grande.

Para o escoamento da produção comerciável, os moradores fazem a travessia de barco para a venda direta no mercado hortigranjeiro do município que gera uma demanda maior de tempo de trabalho no processo. em alguns casos a venda é feita atrás de atravessadores que buscam a mercadoria diretamente na ilha, com diminuição no preço em relação ao obtido nas vendas diretas. (MENDES, 2019).

No que diz respeito à organização territorial, a Ilha dos Marinheiros é dividida em cinco sub-localidades São elas a localidade do porto rei, bandeirinhas, fundos, coreia e Marambaia. De acordo com o último censo demográfico feito pelo IBGE no ano de 2010 a Ilha possui 1.259 habitantes, acredita-se que estes dados estejam bastante defasados e que o número de moradores seja bem maior, tendo em vista que nos últimos anos a ilha vem recebendo bastante destaque por suas belezas naturais e sua rica cultura.

2.2 Tecendo Memórias

A memória é a nossa capacidade de armazenar informações do passado e transmiti-las para outras pessoas através da música, contação oral, imagens, textos entre outros. Pollak (1989, p.3-15), conceitua memória como uma atividade coletiva dos acontecimentos e das suas interpretações daquilo que vivemos que não queremos esquecer, segundo o autor a memória é constituída de acontecimentos, personagens, pessoas e lugares.

Estas memórias podem ser vividas individualmente ou coletivamente. Júlio Pimentel Pinto (1998, p.93), afirma que “a memória é esse lugar de refúgio, meio história, meio ficção, universo marginal que permite a manifestação continuamente atualizada do passado” (PINTO, 1998, p. 307). Já para Marilena Chauí (1995, p. 74) a memória é “uma evocação do passado. É a capacidade humana de reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total” (CHAUÍ, 1995, p. 125).

Pierre Nora (1993, p. 103), conceitua a memória como sendo vida, carregada como grupos vivos, neste caso está em constante evolução, em conflito entre as lembranças e o esquecimento, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. Connerton (1993, p.26), afirma a existência de três tipos de memória: a individual, a cognitiva e a memória-hábito.

A memória individual é aquela lembrada por um indivíduo e diz respeito às suas próprias experiências vividas, apresenta aspectos do grupo social no qual ele se formou. Segundo o autor, a memória pessoal se refere aos atos de recordação que tomam como objeto a história de vida de cada um. Este tipo de memória oferece um autoconhecimento que revela a concepção do próprio caráter e potencialidade, é determinada pelas ações passadas.

A cognitiva se refere a utilização do verbo recordar, para existir este tipo de memória, o nosso conhecimento precisa da ocorrência anterior de um estado pessoal cognitivo ou sensorial, e por último a memória-hábito, que é a nossa capacidade reproduzir uma determinada ação, este modo de recordar tem suas origens no hábito. Para o autor, as imagens e o conhecimento do passado são conservados e transmitidos como memórias, através de cerimônias comemorativas e práticas cotidianas.

2.3 Memória social

A memória seria a nossa capacidade armazenar e adquirir informações, a memória social é a coletivização deste ato. Como afirma o sociólogo Maurice Halbwachs (1990, p.85), a memória social é a essência do conhecimento e culturalmente conhecido por determinado grupo balizado por um determinado contexto. Segundo Rousso (1992, p.94), memória é:

Uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fatos uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional. Portanto toda memória é, por definição, “coletiva”, como sugeriu Maurice Halbwachs. (ROUSSO, 1992).

Esse pensamento de Rousso complementa a ideia de memória coletiva de Bossi (1994, p.408), quando diz que “uma memória coletiva se desenvolve a partir de laços de convivência familiares, escolares, profissionais. Ela entretém a memória de seus membros, acrescenta, unifica, diferencia, corrige e passa a limpo”. ou seja a memória coletiva é aquela que foi vivida por um indivíduo ou foi repassada a ele, esta informação diz respeito uma comunidade ou grupo, com o passar do tempo aquela informação vai tornando-se patrimônio daquela comunidade, essas histórias vão sendo passadas para as próximas gerações, constituindo-se dessa forma a história oral daquele povo, como é apontado por Simon a memória coletiva:

É formada por fatos e aspectos julgados importantes e que são guardados como a memória oficial da sociedade mais ampla. Se expressa no que chamamos de lugares da memória. Eles são os memoriais, os monumentos mais importantes, os hinos oficiais, quadros célebres, obras literárias e artísticas que expressam a versão consolidada de um passado coletivo de uma dada sociedade (SIMSON, 2003).

Com essa definição podemos perceber um ponto importante que são os lugares de memória, o conceito surgiu com o historiador Pierre Nora (1993, p.45) o autor explica que podemos entender lugar de memória a partir de três características que a constituem material que são os físicos como jornais, museus, etc; o funcional que garante, ao menos por hipótese, a cristalização da lembrança e, conseqüentemente, sua transmissão e o simbólico que nos remete a acontecimentos vividos por um grupo pequeno de pessoas, que muitas vezes não estão mais vivas, mas mesmo assim são significativas para aqueles que não

participaram do acontecimento. Esta contestação nos chama atenção para a memória social que de acordo com Fentress e Wickham (1992, p.41):

Identifica um grupo, conferindo sentido ao seu passado e definindo as suas aspirações para o futuro. Ao fazê-lo, a memória social faz muitas vezes exigências factuais sobre acontecimentos passados. Por vezes, podemos confrontar estas exigências factuais com fontes documentais; outras, não podemos. Em ambos os casos, porém, a questão de nós considerarmos estas memórias historicamente verdadeiras revela-se muitas vezes menos importante do que a de eles considerarem verdadeiras as suas memórias. (FENTRESS ; WICKHAM, 1992, p. 41).

No que diz respeito a fontes documentais os autores citados acima acreditam na memória social como fonte de informação, desta forma a memória social pode ser considerada uma espécie de acervo onde ficam guardadas as vivências de uma população, seus hábitos e costumes, com a diferença de não estar documentado através de arquivos escritos mas sim na oralidade de seu povo.

Para Lozano (1998, p.16) “a oralidade permite obter e desenvolver conhecimentos novos e fundamentar análises históricas com base na criação de fontes inéditas ou novas.” o autor argumenta que a oralidade vem se tornando cada vez mais importante para estudos históricos.

O quadro 1 representa publicações com o tema memória como fonte de informação

Título	Autor	ano de publicação
Praça XV e suas representações: fonte de formação e memória da história de Florianópolis	LAURINDO, Kariane Regina; PORTO, Morena Pereira; UNGLAUB, Tânia Regina da Rocha	2021
As músicas da Era Vargas e o registro da Memória Social sobre as eleições presidenciais	PASQUA, Cleonice Della; MASSONI, Luis Fernando Herbert; STUEBER, Ketlen	2019
O arquivo pessoal de José Simeão Leal como fonte de informação e memória	SANTANA, Renata Lopes de	2019
Memória e vanguarda da pesquisa em ciência da informação no Brasil: 45 anos da revista do IbiCT.	ALVARES, Lillian Maria Araújo de Rezende; PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro	2017

Parte 1: Análise de Autores		
INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO NORTE: casa da memória da sociedade Potiguar	SILVA, Igor Oliveira; MARTINS, Gracy Kelli	2018
MEMÓRIA E VANGUARDA DA PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO BRASIL: 45 ANOS DA REVISTA DO IBICT. PARTE 2: ANÁLISE TEMÁTICA	ALVARES, Lillian Maria Araújo de Rezende; PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro	2018
Informação e memória: na trilha do arquivo pessoal	ELIAS, Josemar da Silva Junior; FERNANDES, Taíze Marques; CÓRDULA, Ana Cláudia Cruz	2018
Modernidade, cientificidade e memória pela via da literatura: a informação na estrutura narrativa do Drácula, de Bram Stoker	MATOS, José Claudio Morelli	2018
MEMÓRIA AFRO-BRASILEIRA E INDÍGENA: PESQUISA DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	SILVA, Francisco Sávio da; PAIVA, Eliane Bezerra	2018
O Arquivo Pessoal de Heliton Santana	SILVA, Valdir de Lima; ROSA, Maria Nilza Barbosa	2020
Fontes orais e sua relevância documental para as narrativas de memória nas organizações	CORTES, Vanderléa Nobrega de Azevedo; BARI, Valéria Aparecida; BELCHIOR, Cleide Aparecida Freires	2020
Cartas: um acervo de memória afetiva e histórica e a importância de sua preservação	HORTA, Nicole Marinho; DIAS, Débora de Almeida; CORDEIRO, Luciana Coutinho	2018
O Arquivo escolar como fonte histórica de informação: o caso do Colégio Estadual Barros Barreto – Salvador/Bahia	OLIVEIRA, Leidiane Rodrigues de; LESSA, Bruna	2022

A fotografia-documento e a importância de saberes especializados dos profissionais da informação para a memória	SANTOS, Alessandra de Souza; AZEVEDO, Dúnya Pinto	2021
O repositório institucional Memória possibilitando visibilidade das produções acadêmicas.	MARQUES, Ricardo Souza; CAVALCANTI, Vanessa; MARQUES, Clediane	2019
Exposição virtual em arquivos como fonte de informação sobre movimentos sindicais na Bahia	LESSA, Bruna; SOUZA, Raiane Pedreira de	2022
A relação entre a memória social e sociocognição: busca do contexto social na Organização do Conhecimento	CARMO, Juliana Rabelo do; KARPINSKI, Cezar; BRÄSCHER, Marisa	2018
ONDE QUEM MANDA É O FREGUÊS: MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES SOBRE O NORDESTE NOS JINGLES DAS CASAS JOSÉ	MARINHO, Andrea Carla de Melo; NASCIMENTO, Francisco Arrais; BORBA, Vildeane da Rocha; MORIGI, Valdir Jose	2018
Museu histórico de Itajaí: lugar de educação e memória	IGNÁCIO, Carlos Eduardo; ARDIGO, Julibio David; UNGLAUB, Tânia Regina da Rocha	2021
Aplicação do DCC&U para Curadoria de Objetos Culturais Digitais	SILVA, Faysa de Maria Oliveira e; SIEBRA, Sandra de Albuquerque	2018
A COLEÇÃO DE ALMANAQUES DA FAMÍLIA CARNEIRO REZENDE: DOCUMENTOS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO POPULAR ESCRITA	DOURADO, Stella; MARTELETO, Regina	2018

Cultura material como documento: as informações constantes nos artefatos religiosos da Jurema	ALMEIDA, Carla Maria; AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier	2021
Séries e versões na documentação e preservação de performances em arte: Os Puxadores	CAETANO, Juliana Pereira Sales; OLIVEIRA, Emerson Dionísio Gomes de	2020
Documentos produzidos pela pesquisa: uma análise dos instrumentos de gestão arquivística das Universidades Estaduais de São Paulo	GONÇALVES, Caio Fabio Moreira; BIZELLO, Maria Leandra	2021
Arquivo pessoal Afonso Pereira e estratégias de marketing	CARNEIRO, Daniela Maria da Silva; CÓRDULA, Ana Cláudia Cruz; SILVA JUNIOR, Josemar Elias da; SILVA, Luiz Eduardo Ferreira	2020
Boas práticas do Repositório Institucional do IFRN: relato de experiência do campus Natal – Zona Norte	CAVALCANTI, Vanessa Oliveira de Macedo	2020

Fonte: Autora

Foi realizada uma busca por publicações que tratassem da memória como fonte informação, na Base de Dados em Ciência da informação - Brapci, foi utilizado o buscador de busca simples, onde foi pesquisado por memória como fonte de informação, usando o delimitador de busca delimitamos as buscas apenas por publicações entre os anos de 2018 a 2022 e ordenamos a pesquisa por relevância. Foram recuperados 25 resultados referentes ao tema.

2.5 Fontes de informação

Fontes de informações são todas as publicações, ferramentas e recursos, que disponibilizam a informação que os usuários precisam. Atualmente estão disponíveis nos mais variados suportes como por exemplo periódicos científicos, um link de uma página na internet, áudio, fotografia, repositórios institucionais, bases de dados entre outros.

De acordo com Oliveira e Ferreira (2009, p.70) fontes de informação podem ser “pessoas ou instituições que fornecem informações pertinentes a determinada área, fatores essenciais para se produzir conhecimento”, fontes de informações podem ser qualquer coisa que tenha a função de informar alguém dos mais variados assuntos. No campo da ciência, são elas que nos permitem ter acesso ao conhecimento a respeito de temas do nosso interesse, nos permitindo encontrar referências que nos ajudem a ter um embasamento teórico acerca do objeto no qual estudamos. Existem três tipos de fontes de informação, os primários, secundários e os terciários, como explica de forma simples Blatmann (2015).

As **fontes primárias** são aquelas que pertencem ao produto de informação elaborado pelo autor, por exemplo, artigos, livros, relatórios científicos, patentes, dissertações, teses. Diferencia-se de **fontes secundárias** que revelam a participação de um segundo autor, produtor como no caso das bibliografias, os dicionários e as enciclopédias, as publicações ou periódicos de indexação e resumos, os artigos de revisão, catálogos, entre outros. Enquanto as **fontes terciárias** podem ser mencionadas como as bibliografias, os catálogos de bibliotecas, diretórios, entre outros. (BLATMANN, 2015).

As fontes primárias, secundárias e terciárias, eram acessadas principalmente no formato impresso, principalmente a primária, porém com o surgimento de novas tecnologias e suportes, passou a se utilizar em sua grande maioria no formato eletrônico. Com essa mudança o acesso a informação se tornou mais democratizado permitindo com que mais pessoas tenham acesso, antes da internet o acesso a informação era limitado apenas a pessoas com maior poder aquisitivo tendo em vista que os livros e revistas impressos eram muito caros.

O acesso aos livros e as fontes de informações eram realizadas por pessoas que tinham capital, ou religiosos, pois a Igreja sempre foi uma instituição detentora de saberes, exatamente por reconhecer o poder da informação. Enfim, ao longo da história do homem os registros

informativos foram explicitados em suportes bem definidos (ARAÚJO, 2008).

Outra fonte de informação que devemos destacar é a memória, apesar de não ser muito comentado pela ciência da informação a mesma pode sim ser considerada uma fonte de informacional das mais ricas, neste contexto as vivências populares se tornam acervos vivos, podendo ser contados através da oralidade como destaca Thompson, (1992, p. 17), a história oral contribui para o resgate da memória, mostrando se um método muito eficiente nos mais variados áreas do conhecimento, a memória de um pode ser a memória de muitos. Alberti (1989) complementa que:

[...] A história oral apenas pode ser empregada em pesquisas sobre temas contemporâneos, ocorridos em um passado não muito remoto, isto é, que a memória dos seres humanos alcance, para que se possa entrevistar pessoas que dele participaram, seja como atores, seja como testemunhas. É claro que, com o passar do tempo, as entrevistas assim produzidas poderão servir de fontes de consulta para pesquisas sobre temas não contemporâneos (ALBERTI, 1989, p.4).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A seguir apresentam-se os procedimentos e técnicas para a realização desta pesquisa.

3.1 Método de pesquisa

O método utilizado neste trabalho é o de história oral que busca a partir de narrativas estimuladas construir fontes de informação que contém a história em suas várias versões. de acordo com Meihy (2005) é um procedimento premeditado de produção de conhecimento, que envolve o entrevistador, o entrevistado e a aparelhagem para a gravação.

um método de pesquisa histórica, antropológica, sociológica, que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc. (ALBERTI, 1989).

3.2 Tipo de pesquisa

Esta pesquisa tem natureza qualitativa, não se preocupa com contagens numéricas e sim em compreender e interpretar seu objeto de pesquisa, Minayo (2001) afirma que a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de muitos significados, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operação de variáveis.

A pesquisa qualitativa está relacionada aos significados que as pessoas atribuem às suas experiências do mundo social e a como as pessoas compreendem esse mundo. Tenta, portanto, interpretar os fenômenos sociais (interações, comportamentos, etc.) em termos de sentidos que as pessoas lhes dão; em função disso, é comumente referida como pesquisa interpretativa (POPE; MAYS, 2005).

3.3 Universo de pesquisa

O universo desta pesquisa é composto pelos moradores mais antigos, do ponto de vista de anos que vivem na Ilha dos Marinheiros, ou seja aqueles que há mais tempo vivem aqui, o levantamento destas pessoas se deu da seguinte forma,

a autora por ser moradora da Ilha dos Marinheiros a mais de vinte e oito anos tem conhecimento de quem são estes moradores e como encontrá-los. Foram identificados sessenta e cinco moradores como sendo os mais antigos, todos eles estão acima de 73 anos e vivem na Ilha dos Marinheiros desde que nasceram.

3.3 Coleta de dados

Primeira parte da coleta de dados, para o referencial teórico, foi feita através de livros, repositório institucional da Universidade Federal do Rio Grande, base de dados Brapci, objetivou proporcionar esclarecimentos acerca da história da Ilha dos Marinheiros, Rio Grande\RS, memória, fontes de informação e a memória como fonte de informação. o que nos possibilitou um estudo detalhado sobre o tema, compondo o embasamento teórico necessário para analisar os dados coletados de forma satisfatória.

A segunda parte da coleta de dados do presente trabalho, utilizou como instrumento de coleta de dados as entrevistas realizadas com os moradores da Ilha dos Marinheiros/ Rio Grande/RS. As entrevistas foram realizadas através de visitas às residências destes moradores onde perguntas abertas foram feitas, orientadas por um roteiro aberto, as entrevistas foram feitas de forma individual ou em grupos. É importante frisar que todos os cuidados sanitários para que não haja contágio pela covid dezenove foram tomados como uso de máscaras e distanciamento. Foram ouvidos vinte e um moradores, entre os dias 04 e 29 de julho. Esta pesquisa é anônima, ou seja, a identidade dos entrevistados que participaram da pesquisa será mantida em segredo, para isso serão usados códigos com quatro dígitos para representar cada participante.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Após as entrevistas com os moradores selecionados para a pesquisa podemos observar que a Ilha dos Marinheiros é uma comunidade que possui importantes contribuições para a ciência da informação, o distrito foi colonizada a partir do século XVIII, pelos portugueses que vieram até a Ilha em busca de madeira, para a construção do forte Jesus, Maria, José, que ficava localizado na cidade do Rio Grande, também era um importante fornecedor de água potável, Até então o local era habitado por índios minuanos, charruas e guaranis, que viviam nessas terras. nas entrevistas realizadas como os moradores podemos ouvir relatos a existência de materiais que comprovam essa informação. através dos relatos do senhor 1001 morador da ilha desde o nascimento, há alguns anos atrás era possível ver vestígios da presença dos indígenas nas terras onde ele vivia com seus pais na localidade da coreia.

“Na chácara onde vivia com meus pais na localidade da correia, havia alguns vestígios que nos levava a crer que se tratava de materiais que pertenceram a índios que provavelmente viviam por ali, se tratava de alguns ossos e pedaços de potes feitos de barro, que podiam ser observados em um matagal próximo a praia. A história acabou chegando até a Furg, e alguns estudantes vieram até a Ilha dos Marinheiros para pesquisar o que realmente se tratava, um tempo depois esses estudos confirmaram que realmente se tratava de utensílios indígenas. (1001, 2022. transcrição da entrevista, 2022).

A partir das informações que nos foram passadas pela Senhora 1002 através da entrevista, outros habitantes que viveram na Ilha dos Marinheiros há alguns anos atrás foram os escravos, que provavelmente eram trazidos até aqui para trabalharem na preparação das terras para o cultivo, tendo em vista que até então as terras eram cruas não tinham recebido nenhum tipo de preparo para receber as plantas, não haviam os canteiros onde são semeadas as sementes e plantadas as mudas, e muito menos os chamados valos que são uma espécie de valeta, que são primordiais para o escoamento da água como também mais armazenar a água para fazer a rega das plantações, que são utilizadas para estes fins até os dias de hoje.

A Senhora 1002 nos contou que quando seu pai comprou a propriedade da família, havia um galpão antigo que ficava nos fundos do terreno, e dentro desta construção possuía correntes enferrujadas que ficavam penduradas, se tratava das correntes que eram utilizadas para torturar os escravos que se rebelavam contra os

desmandos de seus senhores. Ela também nos informou sobre a existência de uma espécie de cemitério bem próximo de onde está localizado o salão comunitário São João Batista.

“Se escavarmos do lado direito, paralelo ao salão comunitário São João Batista vamos encontrar várias ossadas humanas, uma vez um conhecido que usava uma chácara próxima estava escavando para construir uma valeta para escoar a água da chuva e encontrou um osso da tíbia, acreditamos que se tratava dos restos mortais de algum escravo da região, já que bem próximo ao local havia um casarão”.(1002, 2022. transcrição da entrevista, 2022).

A senhora 1002 ainda nos relatou que os antigos moradores da ilha como seu pai, acreditavam que as telhas de barro que cobriam as casas antigas eram confeccionadas usando as coxas dos escravos como molde, ou seja o barro fresco era colocado sobre a coxa dessas pessoas para ser moldado para ficar com aquele formato típico das telhas de barro antigas. Não há nenhum fato que comprove se essa crença é verdadeira ou é apenas uma lenda contada de geração a geração.

Figura 2 ilustra a construção que deu início à capela de São João Batista.



Fonte: Arquivo pessoal da Senhora1002, 1961?

Este casarão citado pela Senhora 1002, pertencia à sobrinha de Bento Gonçalves que viveu na Ilha dos Marinheiros, esta construção é do ano 1855, ficava localizada na localidade que hoje é denominada como Porto do Rei. Naquela época a capela fazia parte da casa onde moravam Sylvia Centeno Xavier que era

professora e seu Marido ou seja a igreja era conectada com a residência. Quando seu marido faleceu, Sylvia o sepultou no altar da capela, anos mais tarde o corpo foi retirado e sepultado no cemitério catalico de Rio Grande em uma sepultura que é uma réplica da capela.

A propriedade foi vendida para o pai da nossa entrevistada 1002, que doou a igreja para a comunidade que se tornou comunidade São João Batista, esta capela acabou recebendo a visita de Dom Pedro II Segundo que desembarcou no local dando origem ao nome da localidade.

Sylvia Centeno Xavier dá o nome a uma das escolas municipais de ensino fundamental presente na Ilha dos Marinheiros, que recebeu este nome para homenagear a antiga moradora da localidade, por muitos anos os descendentes de Sylvia, ofereciam de presente para a escola uma viagem de fim de ano aos alunos da escola com todas as despesas pagas. Hoje em dia este fato não acontece mais pois tendo em vista a idade esses benfeitores acabaram falecendo.

Segundo a senhora 1002, seu pai tinha vontade de manter o casarão de pé e utilizá-lo como moradia, porém sua estrutura estava comprometida, já as paredes não eram tramadas uma com as outras e acabaram se soltando, impedindo que continuasse sendo usado, desta forma ele foi desmanchado e sua matéria prima utilizado para a construção de outra casa para abrigar a família. A senhora 1002 ainda afirma que esses mesmo problemas estruturais ocorreram em outras moradias históricas que existiam na Ilha dos Marinheiros.

Figuras 3 e 4 ilustram ruínas de construções históricas da Ilha dos Marinheiros, Rio Grande/RS, que foram abandonadas por problemas estruturais.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2004.



Fonte: Arquivo pessoal de 1003, 1990.

O sobrado retratado na imagem 4, ficava localizado na propriedade da senhora 1003, ela nos revelou que quando compraram a chácara os sobrado já estava bastante deteriorado e com problemas graves em sua estrutura, impossíveis de serem reparados, ele pertencia a família Espindola e ficou muitos anos abandonado sem ninguém habitar. a Senhora 1003 nos relatou que ficaram muitos móveis e utensílios domésticos, como xícaras, pratos, copos, dentro da habitação, esses objetos tinham desenhados o brasão da família Espindola.

A Senhora 1003 nos informou que a muitos anos existia na Ilha dos Marinheiros um sobrado que era considerado a mais bonita construção feita na ilha dos marinheiros, ele era todo decorado com azulejos portugueses pintados a mão, infelizmente não encontramos fotografias para retratá-lo.

“Viviam na Ilha dos Marinheiros o Barão de vila Isabel e sua esposa que se chamava Isabel não lembro o sobrenome dela, o Barão resolveu construir em homenagem a ela a mais linda construção feita na Ilha, infelizmente o Barão perdeu a esposa logo em seguida”. (1003,2022.Transcrição da entrevista, 2022),

A figura 5 representa uma casa centenária na Ilha dos Marinheiros



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022.

A Senhora 1004, deu seu depoimento para esta pesquisa e nos disse um pouco da história desta casa, que está na família a algumas gerações, a

propriedade pertencia da Família Esgueira que era a maior produtora de frutas da Ilha dos Marinheiros, e é a única residência centenária, que ainda está de pé e habitada na Ilha dos Marinheiros. Como nos conta a Senhora 1004.

“ A nossa casa, não sei ao certo quantos anos ela possui é bem mais de cem anos, ela é tombada pelo patrimônio histórico da Cidade do Rio Grande, sempre que é necessário fazer alguma reforma precisa se manter como era originalmente, não se pode modificar nada, inclusive a um tempo atrás fizemos uma reforma no galpão que também tem mais de cem anos, e recebemos uma multa por não poder ser modificado, como naquela época não sabíamos disso acabamos tirando uma parte dele e fazendo menor” (1004, 2022. Transcrição da entrevista).

Através das falas de nossos entrevistados e das imagens fornecidas podemos perceber o quanto a arquitetura da Ilha dos Marinheiros era rica visualmente, o que nos faz pensar que importante seria para o turismo local que essas edificações tivesse sido mantidas, tendo em vista que o local já recebe visitantes de várias partes do mundo por suas riquezas naturais, poderia ser feita visitas a estes locais explicando a história por trás de cada prédio.

A figura 5 ilustra as festas religiosas que acontecem na Ilha dos Marinheiros



Fonte: Arquivo pessoa da autora, 2014.

As festas religiosas são muito tradicionais na Ilha dos Marinheiros e envolvem dezenas de pessoas que dispõem de seu tempo livre para ajudar nos festejos, que acontecem uma vez por ano em cada comunidade, estas festas romperam as barreiras religiosas e tomando uma proporção muito maior tornando uma das principais celebrações culturais do povo Ilheu. Centenas de pessoas de fora do local costumavam vir até o distrito para acompanhar as festividades independente de qual religião pertenciam.

De acordo com a senhora 1005, como a décadas atrás não existia uma ligação a seco entre a Ilha dos Marinheiros e a Cidade de Rio Grande, restando a única alternativa possível para chegar até as celebrações era usando embarcações marítimas, em uma dessas ocasiões de acordo com Senhora 1005, um desses barcos acabou virando e naufragando após ser atingido por uma forte tempestade de verão, esse acidente aconteceu no canal que é uma parte da lagoa dos patos que possui uma grande profundidade, neste momento infelizmente algumas pessoas acabaram indo a óbito.

Estas festas ocorrem em três comunidades, na comunidade Nossa Senhora da Saúde que acontece no dia 15 de agosto, Santa Cruz dia 3 de maio e São João Batista no dia 24 de junho. Os festejos sempre acontecem no domingo, caso o dia específico da festa caia em dia de semana passa a ocorrer no domingo mais próximo, Às datas dos eventos correspondem ao dia dedicado a cada padroeiro que dá o nome a comunidade.

“No dia que antecede os festejos sempre acontecia um baile a noite com música ao vivo, no outro dia ocorria a festança propriamente dita. Às 8 horas da manhã acontecia o hasteamento das bandeiras, no caso as bandeiras de Rio Grande do Sul, Brasil e a de Portugal. Às 16 horas da tarde realizava-se a procissão com a participação das quatro comunidades acompanhados das imagens de seus respectivos padroeiros. Com o passar dos anos as festividades sofreram mudanças, o baile e a festa passaram a ser realizadas no mesmo dia, a festa no período da manhã e tarde, e à noite baile com a participação de músicos locais. Naquela época pouquíssimas pessoas possuíam meios de locomoção nem mesma a estrada de entorno da Ilha dos Marinheiro existia nessa época, então esses fiéis se deslocavam de uma comunidade até a outra a pé, caminhavam algumas vezes mais de 20 km de distância carregando andores com as imagens dos padroeiros religiosos, para que as mesmas participassem da procissão, essa procissão sai da capela e passa por dentro de uma espécie de arcos que são confeccionados com madeira e papéis coloridos pelos próprios moradores, o cortejo percorre alguns metros de distância até chegar a uma cruz de aproximadamente três metros de altura enfeitada com flores coloridas que delimita o ponto exato que os fiéis precisam fazer os retorno para a capela, durante todo o percurso são cantados cânticos religiosos ao final da procissão acontece o hasteamento das bandeiras onde os hinos de cada bandeira são tocados pela banda da ilha.”. (1005, 2022. transcrição da entrevista, 2022).

Podemos perceber pelas falas da nossa entrevistada, o quanto as festas religiosas são importantes para os Ilhéus, tendo em vista que as mesmas mobilizam até os dias de hoje toda a comunidade para contribuir de alguma forma nos festejos. pode-se observar também o quanto era precária os meios de locomoção da época

e quanto uma ligação a seco entre Rio Grande a Ilha dos Marinheiros era necessária.

A figura 7 representa a imagem dos tradicionais arcos que embelezam as festas religiosas



Fonte: São João Batista, 2014.

A figura 8 representa uma imagem da Banda da Ilha dos Marinheiros.



Fonte: São João Batista, 2007

Uma das crenças mais fortes presente na Ilha dos Marinheiros é a das benzeduras, rezas feitas por homens e mulheres para curar uma enfermidade, como cobreiro de aranha ou de sapo, quebranto principalmente em crianças, uma torção em algum nervo do corpo, erisipela, bronquite, entre outros, existem rezas até mesmo para recuperar um pertence perdido ou roubado se pede para rezar um responso para Santo Antônio, acreditasse que com essa reza, faria com que quem tenha pego esse objeto se arrependa e o devolva.

De acordo com as falas de 1006 a grande maioria dessas benzeduras são realizadas por pessoas de idade bastante avançada, desta forma muitas dessas benzeduras estão sendo perdidas com o falecimento destas pessoas. A senhora 1006 nos explica como é realizada a benzedura de mal jeito, umas das mais utilizadas pelos moradores da Ilha, ela nos informou que aprendeu essa reza com a senhora Nair que antes de falecer lhe ensinou como proceder para realizar a benzedura.

“Para fazer a benzedura de mal jeito é preciso de uma agulha, um pano de cor preta e linha da mesma cor, primeiramente se reza três Ave Marias e três Pai nossos, logo após se diz Deus adiante paz me guia que eu benzo nervo rendido e carne quebrada eu benzo em nome de Deus e da virgem Maria repetir três vezes, e repetir as avês marias e pai nosso. Enquanto vai falando, é preciso ir costurando o pano!. (1006, transcrição da entrevista, 2022)

Outra benzedura bem comum na comunidade da Ilha dos Marinheiros é a de Quebranto, que a Senhora 1005 nos explica como funciona, ela é feita principalmente em crianças, mas também é feita em adultos.

“Falasse o nome da pessoa que vai ser benzida, e depois diga, te benzo de quebranto, mal olhado, te botaram que os tire. Se repete estas palavras seis vezes e finaliza dizendo, em nome de Deus e da virgem Maria, amém. o ideal é que essa reza seja feita com um galho de arruda ou alecrim, que são passados na frente do Rosto da pessoa que está sendo benzida sem tocada” (1005, 2022. Transcrição da entrevista, 2022.)

Segundo a Senhora 1007, existe outro tipo de benzedura para quebranto, que ela aprendeu com uma vizinha já falecida, que acontece da seguinte forma.

“ se diz o nome da pessoa que precisa ser benzida, e se diz as seguintes palavras, alecrim nasce sem ser semeado com a virtude que deus te deu, se for quebranto, mal olhado que saia em louvor da santíssima trindade. se reza uma ave Maria ao final da benzedura”. (1007,2022. Transcrição da entrevista, 2022).

A senhora 1007 aprendeu mais duas benzeduras uma delas é para espantar pragas das plantações para essa benzedura ela nos explicou que é necessário que a pessoa que vai realizar a benzedura esteja de jejum e que ela vá para perto do local que está sofrendo com a praga e diga as seguintes palavras *“malditas lagartas, amaldiçoadas serão 9,8,7,6,5,4,3,2,1 vão tudo para o mar salgado, em nome de*

deus e virgem Maria, e se reza uma ave Maria”, outra benzedura que ela compartilhou conosco foi a de sol que é uma dor de cabeça muito forte.

“Sol e sol, deus é luz, deus é claridade esse mal por onde entrou que saia em nome da santíssima *trindade, ao final de reza uma ave Maria. para realizar esta benzedura é preciso de uma toalha branca e um copo de água, se coloca a toalha e sobre a cabeça da pessoa que está sentindo dor e o copo em cima da toalha* “ (1007, 2022. Transcrição da entrevista, 2022).

A imagem 9 ilustra os times de futebol da Ilha dos Marinheiros



Fonte: Esporte Clube Libertador, 2018.

No que diz respeito a atividades culturais de lazer se destacam os tradicionais jogos de futebol e as festas religiosas. A senhora 1005 moradora da ilha dos Marinheiros a mais de 73 anos, explica “ *tinham oito times de futebol que eram aqui da ilha era o Aliança, Idial, Vaipendi, Barulho, Libertador, estrela, Nó de aço e o cruzeiro, desses oito, apenas o Libertador e Barulho continuam suas atividades no futebol amador.*” As equipes eram formadas somente por atletas que residiam na ilha, os torneios aconteciam entre os clubes da ilha dos Marinheiros jogavam contra si e com outros times de outras localidades como a Ilha da Torotama por exemplo. A rivalidade mais acirrada era entre o Esporte Clube Libertador, Barulho e o Aliança. No período do carnaval cada equipe tinha uma espécie de bloco que eram chamados de “cordões”, eram escolhidas a rainha, áias e porta estandarte. A senhora 1005 comenta:

“Uma vez fui convidada para ser aia do cordão Aliança que era meu time do coração, como naquela época não tinha carro como hoje em dia tínhamos que ir caminhando pela estrada até chegar ao lugar onde acontecia o baile, que acontecia cada dia em um clube, a gente chegava a caminhar mais de 16 km, a estrada não era como é hoje era só um caminho pra gente caminhar”.(1005, 2022. Transcrição da entrevista, 2022).

A figura 10 representa uma imagem da Senhora 1005, quando participou como aia do carnaval



Fonte: acervo pessoal da Senhora Claudete Oliveira, 1959.

A figura 11 representa a Senhora 1008 quando foi rainha do Esporte Clube Cruzeiro do sul



Fonte: Arquivo pessoal de 1009, 1959.

Outra manifestação cultural presente na Ilha dos Marinheiros são os ternos de reis, baseados na tradição religiosa Portuguesa, são pequenos grupos de músicos que saem de porta em porta cantando músicas com referência religiosa, como nos conta a Senhora 1010.

“O terno de reis são grupos de músicos que saiam de casa em casa, em datas religiosas com São João, São Pedro, Santo Antônio, as músicas tocadas representavam a data que estava sendo comemorada, ou seja se fosse dia de São João eram cantadas músicas que representassem essa data, esse grupo chegava na residência cantando para que os moradores fossem abrir a porta para eles, caso os moradores não quisessem participar era só não abrir a porta, que assim que terminasse a o verso da música agradeciam e iam embora embora para continuar as visitas. As donas de casa que tivessem condições já esperavam o terno de reis com café e bolinhos para os participantes, aquelas famílias que não tinham condições não tinha problema porque os músicos não deixavam nenhuma casa para trás. O meu esposo adorava participar, acontecia assim os componentes do terno se combinavam e ia até a residência e convidava os donos da casa para participar da visita na casa vizinha, e assim sucessivamente, quando chegava ao final da noite, o terno estava com muitos participantes. Como não tinha meios de locomoção naquele tempo, os ternos eram feitos a pé. A gente adorava, fazia bolinho de chuva, o tio colocava a jurupiga na cozinha para esperar os músicos”. (1010, 2022. Transcrição da entrevista, 2022).

Percebe-se pelas falas da Senhora 1010, o quanto o terno de reis era importante para os moradores da Ilha dos Marinheiros era um momento esperado por todos onde os moradores se reuniam para cantar e celebrar com os amigos. observamos o quando a colonização portuguesa contribuiu para para as tradições culturais da Ilha dos Marinheiros, principalmente nas religiosas, tendo em vista que o terno de reis tem referência a histórias presentes na bíblia. Nos dias atuais essa prática ainda é realizada, entretanto durante a pandemia em que vivemos essas atividades foram feitas através de uma carreata que fez a volta na estrada de entorno da ilha levando alegria aos moradores.

A imagem a 12 representa os ternos de reis na Ilha dos Marinheiros



Fonte: 1011, 2020.

A figura 13 representa as frutas prontas para serem comercializadas na doca do mercado público na cidade do Rio Grande/RS.



Fonte: Acervo pessoal da senhora 1012, 1961?

De acordo com as falas do Senhora 1013, a Ilha dos Marinheiros sempre foi conhecida por produzir hortaliças como alface, couve, tempero verde, cebola entre outros, além de frutas como uva, pêssigo, morango, etc, de ótima qualidade e ela acredita que essa eficiência em fornecer hortifrutis está na riqueza do solo da região e abundância de água para fazer a irrigação destas plantas.

“As frutas eram plantadas na sua maioria nos fundos da ilha na chácara que hoje fica localizado o esporte clube libertador, praticamente toda a ilha tinha plantação de uva que usavam para fazer vinho, jurupíga e também comercializar no mercado municipal na banca do peixe. Era nessa chácara onde tinha uma maior variedade de frutas, toda a extensão da propriedade era plantada com parreiras com várias espécies de uvas, pés de pessegueiro, limoeiro portugueses, ameixeira, pereira, atrás da nossa casa ainda existem os tanques que eram usados para misturar os remédio(sulfate) utilizados para colocar nos arvoredos. essas frutas eram levadas de barco pela lagoa dos patos até a banca do peixe no centro de Rio Grande, onde eram comercializados, essa viagem até Rio Grande durava cerca de duas horas, já que os fundos da Ilha dos Marinheiros fica mais distante de Rio Grande comparado a outras a outras localidades da Ilha. essas frutas cultivadas dá aqui chegavam a ser vendidas para Cidades com Rio de Janeiro e São Paulo”.”(1013, 2022. Transcrição da entrevista,2022.)

A imagem 14 representa os tanques que eram usados para misturar os agrotóxicos para serem usados nos parreirais na Ilha dos Marinheiros.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022.

A senhora 1013, também nos informou que durante um grande período de tempo a Ilha dos Marinheiros, era responsável por abastecer a cidade de Rio Grande com esses alimentos citados acima. Essa manufatura era escoada através da Lagoa dos Patos por embarcações que partiam da Ilha dos Marinheiros carregadas de mercadorias que eram armazenadas em balaio, para serem comercializadas na doca do mercado municipal, mais precisamente na banca do peixe, a Senhora 1013, nos contou como era nessa época.

“Naquela época os pequenos produtores familiares não tinham um local apropriado para vender suas mercadorias, essas vendas aconteciam na rua onde os trabalhadores ficavam expostos ao frio, vento e chuva, o que causava revolta entre nós, fato que contribui para que muitos trocassem de profissão, atualmente existe um espaço exclusivo para eles localizado na rua Comendador Vasco da Fonseca no centro de Rio Grande onde os agricultores familiares possam trabalhar em melhores condições. Com a chegada de mercadorias vindas de outras cidades como Pelotas e Porto Alegre, como preços mais baixos que os oferecidos pelos produtores locais, o mercado começou a ficar mais disputado e muitos produtores acabaram abandonado o cultivo principalmente os de frutas, que foram os mais prejudicados, já que o dinheiro ganho com as vendas era menor que os gasto com a produção. Os que continuaram no ramo com o passar dos anos acabaram falecendo e essa cultura acabou se perdendo, permanecendo apenas o cultivo de hortigranjeiros.”(1013,2022. Transcrição da entrevista,2022.)

Percebesse o quanto a valorização do pequeno produtor é importante, se esses produtores da época tivessem tido uma melhor condição de trabalho talvez atualmente a Ilha dos Marinheiros fosse uma das principais produtoras de frutas e verduras do sul do estado do Rio Grande do Sul, já que tem potencial para isso.

Figura 15 representa uma imagem dos barcos na doca do Mercado Público da cidade do Rio Grande/RS



Fonte: 1013, 1962?

Podemos observar no lado esquerdo da imagem acima algumas flores expostas em balaios para serem comercializadas na doca do mercado público na Cidade do Rio Grande, RS, elas também eram cultivadas na Ilha dos Marinheiros, como nos relatou a Senhora 1003

"Costumávamos plantar as flores geralmente no final do mês de agosto para que estivessem prontas para serem cortadas e vendidas no feriado de finados que acontece no mês de novembro, costumávamos plantar açucena, goivos, amor perfeito, palmas, escovinha, entre outras. Elas eram semeadas na propriedade da nossa família na localidade do Porto do Rei, e levadas de barco até a doca do mercado público da Cidade do Rio Grande " (1003, 2022. Transcrição da entrevista, 2022)

Atualmente são pouquíssimas pessoas que continuam cultivando e vendendo flores na Ilha dos Marinheiros, este fato pode se dar devido que as vendas são mais rentáveis apenas no feriado de finados

A figura 16 representa uma imagem de uma réstia de cebola



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022.

Identificamos que a diversificação do plantio ressurgiu com a cultura da cebola, legume bastante plantado pelos moradores da Ilha dos Marinheiros e de fácil fluxo para a sua comercialização. Antigamente quando se comercializava a cebola não existia os sacos para armazenar como hoje em dia, e era neste momento que entra a figura do inrestador.

Como podemos observar pela imagem, o inrestador pode ser considerado um artesão, que vinha de cidades vizinhas como São José do Norte, em uma determinada época do ano (nas temporadas de colheita e tratamento do produto para levar aos mercados consumidores) . Esses profissionais ficavam hospedados em galpões que eram adaptados para servir de morada até a finalização do serviço. Senhor 1014 nos explica que uma réstia é:

“A réstia é uma espécie de trança feita com palha, que é colhida na beira da praia próxima a Lagoa dos Patos, onde a cebola é transada junto com essa palha para que possa ser transportada para os pontos de comercialização, esse transporte acontecia através de barcos de pequeno porte”.(1014, 2022. Transcrição da entrevista, 2022).

A figura 17 representa uma imagem do Senhor 1014 confeccionando balaios.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022.

Um elemento cultural presente na comunidade de Ilha dos Marinheiros é arte de confeccionar balaios, que nada mais é que uma cesta feita de vime podem ter os mais variados tamanhos e formatos o mais conhecido são os balaios de ombro e o de asa o primeiro é usado para carregar coisas mais leves como mudas de

legumes e hortaliças entre outros, já o de ombro serve para carregar coisas mais pesadas com tomates e alfaces. Os vimes são colhidos nas próprias chácaras.

A figura 18 representa uma imagem dos balaios



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022.

No passado eram utilizados para armazenar as frutas e verduras que seriam transportadas para serem comercializadas. Atualmente não são tão utilizados para carregar a produção agrícola, visto que atualmente tem se usado mais caixas de plástico por ser prático para serem transportadas e empilhadas nos barcos. Mesmo assim, alguns moradores mais antigos continuam a fabricar. Esta arte vem sendo passada de geração para geração há décadas, porém vem se perdendo ao longo do tempo, pois os mais jovens não apresentam interesse em aprender este ofício. Como afirma Senhor 1014.

"A gente usava com mais frequência anos atrás. Hoje em dia vale mais a pena usar as caixas de plástico que são mais fáceis de arrumar nos caicos ou no trator, além de ser mais fácil de carregar. continua a fazer mais por gosto pra não perder os vimes, ja tentei ensinar meus filhos. mas eles acham muito complicado de fazer, fora que o vime machuca a pele quando manuseamos". (1014, 2022. Transcrição da entrevista, 2022)

A figura 19 representa uma imagem de um pé de vime em uma propriedade na Ilha dos Marinheiros.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022.

A senhora 1015, nos contou como foi a sua vida, infância e juventude na Ilha dos Marinheiros, quais eram as suas brincadeiras ao lado dos seus irmãos e seus momentos de lazer.

‘A minha infância foi muito podre, nós éramos nove irmãos, então brincávamos com o que tínhamos à nossa disposição. Que era de casinha no meio da cerca de taquaras, a gente limpava todas as folhas secas, pegávamos uns tijolos e potinhos de embalagens de plástico eram as nossas panelinhas e as folhas do mato eram as comidinhas, fazíamos até galinheiros de galinha de brinquedo com taquarinhas, pegamos os caracóis para serem as nossas animais os menores eram galinhas e os maiores os bois. Usávamos uma taquara para fazer que eram cavalos, colocava uma cordinha era tava pronto para brincar. nossos momentos de lazer eram ir às festas religiosas e jogos de futebol, quando morávamos nos fundos da ilha a gente ia a pé pois nossa casa era próxima ao libertador , barulho e a nossa senhora da saúde, depois quando ficamos mais velhos, na adolescência iamos de carona com o ademir, que tinha um caminhão que fazia a volta na Ilha dos Marinheiros carregando pessoas para levar para os jogos e festas religiosas ’ (1015, 2022. Transcrição da entrevista).

Naquela época os moradores da Ilha dos Marinheiros não tinham muitos recursos financeiros, porém podemos perceber que possuíam muita criatividade para suprir suas necessidades. destacasse a forma que a crianças se divertiam com tão pouco, muito diferente das crianças de hoje em dia que quase não brincam, sem ser com o uso de celulares e tablets.

A figura 20 representa a escola Inês dos Santos



Fonte: Arquivo pessoal de 1016, 1963?

A escola Inês dos Santos ficava localizada na chácara que pertence à família do nosso entrevistado 1016, localidade das bandeirinhas na Ilha dos Marinheiros. Como nos explica Marcio Oliveira:

“A escola de ensino fundamental Inês dos Santos fica na chácara onde vivia com meus pais, a escola já estava fechada a alguns anos por falta de professores, pela dificuldade de acesso a Ilha dos Marinheiros na época, os professores não tinham interesse em vir dar aulas aqui. minha tia materna que se chamava Janete...que era dona de pensão no centro da Cidade do Rio Grande, contou para meu pai em uma de suas visitas, que uma de suas inquilinas, recém chegada era da Cidade de Dom Pedrito era professora dos anos iniciais e tinha interesse de vir dar aula na Ilha dos Marinheiros, só precisaria de um lugar para morar. minha tia sugeriu que meu pai fizesse um quartinho para essa senhora morar já que a casa era grande e teria espaço. meu pai aceitou na hora já que sabia a importância que a educação teria nas nossas vidas, ele mesmo analfabeto sabia disso, pois eu já estava com nove anos e não sabia nem ler nem escrever. Algumas semanas foram necessárias para que as reformas fossem feitas, tão logo concluídas a professora se mudou para cá, deu aulas por alguns anos, até que ela se casou e foi embora para Rio Grande, aí foi contratada uma nova professora só ela não morava na Ilha, era preciso ir buscá-la e levá-la de volta novamente ao final dia, meu pai não tinha nenhuma ajuda de custo com a combustível que gastava diariamente, fora as horas que ele ficava sem trabalhar fazendo a travessia Ilha dos Marinheiros, Rio Grande. a estrutura da escola era precária as janelas não tinha vidros, foi preciso colocar lonas pretas nas janelas para diminuir o frio dentro da sala de aula, nesta época a ditadura militar estava vigente no Brasil, então tudo era atirado as traças. Uma vez com a ajuda da professora cheguei a escrever uma carta para um programa de rádio do radialista Airton Lopes da rádio Riograndina relatando os problemas enfrentados pela escola”. (1016, 2022. Transcrição da entrevista, 2022).

Através deste relato podemos ver o quanto a educação era precária neste período, era necessário que os pais tomassem iniciativas, sem medir esforços para que os filhos não ficassem sem estudar, dando a eles uma oportunidade que muitos deles não tiveram, percebemos também que a educação era deixada de lado no período da ditatorial, apresentando escolas com lonas pretas no lugar de janelas

sem a mínima estrutura, e mesmo assim essas crianças lutaram bravamente para estudarem mesmo passando frio.

A imagem 21 representa os pássaros de madeira confeccionados na Ilha dos Marinheiros



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022.

O Senhor 1016 nos relatou também um pouco sobre os artesanatos que ele produz em sua casa na localidade das Bandeirinhas na Ilha dos Marinheiros, onde confecciona passarinhos de madeira, em sua grande maioria nativos da Ilha dos Marinheiros.

“Comecei a fazer esses pássaros ainda criança para brincar, usava como material isopor que na maioria das vezes achava na praia, claro que não ficavam perfeitos, mas dava para brincar. Um dia, uma prima minha chamada Ana Lucia Morriçon de Azevedo, em uma de suas viagens comprou um modelo de pássaro feito em madeira, em uma feira de artesanato, e me deu de presente. A partir desse dia comecei a me aperfeiçoar e a cada dia ia fazendo melhor, dessa forma comecei a vender em feiras como a feirg e a festa do mar, inclusive era o senhor Hermes produtor de jurupinga aqui da Ilha dos Marinheiros, que vendia para mim em sua banca, e Outras pessoas vinham até a minha residência para comprar tem artesanatos meus até fora do Brasil, muitos desses pássaros eram usados como lembrança da Ilha dos Marinheiros. os modelos mais pedidos era Bem Te Vi, Sabiá, papa laranja, tico tico, Cardeal do banhado e outros que não são nativos aqui como arara e tucano”. (1016 ,2022. Transcrição da entrevista, 2022).

A imagem 22 representa réplicas de barcos de madeira confeccionados na ilha dos Marinheiros



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022.

O Senhor 1017, que é irmão do nosso entrevistado anterior, confecciona barcos de madeira, assim como o irmão ele nos informou que aprendeu a fazer os barcos enquanto brincava quando criança, ele observava as embarcações que são bem comuns na Ilha dos Marinheiros e as reproduzia primeiramente em isopor e depois de adulto em madeira.

Entrevistamos o senhor 1018, que nos relatou algumas histórias curtas que seu pai, já falecido contava para ele quando ele era adolescente, seu pai se chamava seu Dinarte e era jogador de um dos times que existiam na Ilha dos Marinheiros a anos atrás.

“Uma das primeiras histórias que meu pai costumava me contar, quando eu era mais jovem, foi a de um morador da Ilha dos Marinheiros que colocou na cabeça que as pessoas podiam voar, então ele fez asas, não sei ao certo qual o material ele usou para confeccioná-las, enfim, um dia ele subiu em uma figueira bem alta e simplesmente se jogou lá de cima, obviou que a ideia não deu certo e ele acabou se machucando muito gravemente.” (1018, 2022. Transcrição da entrevista, 2022).

Outra história que o senhor 1018 nos contou, foi de um avião teco teco que costumava sobrevoar a Ilha dos Marinheiros, uma vez ele aterrissou no campo do idial, que era um dos time de futebol da Ilha dos Marinheiros, quando a aeronave foi

levantar voo o piloto avisou para as pessoas que estavam no local se abaixarem quando para que o avião não atingisse ninguém, entretanto uma dessas pessoas não se abaixou e acabou perdendo uma das orelhas, que foi arrancada por uma das turbinas do avião.

O Senhor 1018, nos falou como os moradores da Ilha dos Marinheiros, costumavam recepcionar os visitantes vindos de outras cidades.

“Meu pai contava que uma vez chegou na Ilha dos Marinheiros um turista vindo da Cidade do Rio de Janeiro, logo depois no almoço ele e uns amigos convidaram esse carioca para se sentar na sombra de uma figueira para conversarem, e levaram um garrafão de jurupinga para beberem enquanto conversavam, mas ele já estava com a intenção de embebedar o visitante, acabou que o carioca bebeu demais e ficou bêbado”.(1018, 2022. Transcrição da entrevista, 2022.)

É muito comum que os moradores da Ilha dos Marinheiros recepcionaram os turistas com uma garrafa de jeropiga, como se trata de uma bebida bem doce, as pessoas que não sabem do grande teor alcoólico presente na bebida acabam não percebendo e ingerindo demais a jeropiga, e conseqüentemente acabam alcoolizados.

Em um determinado momento começou a se perceber que as duas que ficam no centro da Ilha dos Marinheiros estavam se movimentando em direção às casas, soterrando muitas casas antigas. Naquela época, a Ilha dos Marinheiros tinha um coordenador que era uma espécie de representante da prefeitura, ele nos cedeu uma entrevista para nos relatar qual foi a providência que foi tomada na para tentar amenizar o avanço das dunas.

“percebeu-se que seria necessário para conter os avanços o plantio de algumas árvores para fazer essa contenção, foi construído viveiro de mudas na chácara das camélias que ficava localizada na localidade das bandeirinhas, sementes mudas de acacias, pinheiros, eucaliptos, que posteriormente foram plantados em cima das dunas na beira das lagoa das noivas, essas árvores existem até os dias de hoje,. essa medida funcionou a longo”. (1019, 2022. Transcrição da entrevista, 2022).

A imagem 23 representa a balsa de madeira que transportava veículos para a Ilha dos Marinheiros



Fonte: Acervo pessoal de 1019, 1980.

As melhorias da infraestrutura da Ilha dos Marinheiros começaram por volta de 1970 como nos conta 1019:

“ Foi construída no estaleiro da localidade da Marambaia na Ilha dos Marinheiros uma balsa de madeira, que foi a prefeitura que mandou construir para que trouxesse as máquinas retroescavadeira e tratores de esteira para a Ilha, essa balsa era puxada por barcos, a estrada foi construída por um órgão do Governo de estado chamado, Semapa em parceria com a prefeitura, naquela época o Prefeito era Rubens Emil Corrêa. Uma vez a balsa estava carregando uma caçamba para Rio Grande, quando a balsa começou a encher de água e virou no caminho, no dia três de maio, aí teve que vir um guindaste para levantar o caminhão. A SEMAPA cedeu os maquinários e os funcionários e a Prefeitura entrou com o combustível e o transporte do maquinário de Rio Grande até a Ilha dos Marinheiros pela lagoa dos patos através dessa balsa.

Logo após a conclusão da estrada se notou que era necessário uma ligação a seco entre a Ilha dos Marinheiros e Rio Grande, desta forma foi feito um estudo de viabilidade para saber qual seria o local ideal onde o fundo da lagoa dos patos fosse mais firme para ser feita essa ligação, feito este estudo descobriu-se que era mais viável ligar a Ilha dos Marinheiros a Ilha dos Leonídio, A SEMAPA cedeu mais uma vez os engenheiros e um serviço de sondagem foi feito, onde se percebeu que a Lagoa dos Patos era muito mole no fundo. Logo que a sondagem foi feita e a profundidade que encontraram no fundo da lagoa firme era de dezessete metros de profundidade. Logo após o estudo começaram a tirar a areia das dunas da Ilha dos Marinheiros para fazer o aterramento do aterro, milhares e milhares de metros cúbicos de areia foram retirados das dunas, a ideia inicial era ligar as duas Ilhas apenas com o aterro, até conseguiram mas a forte correnteza logo arrancou essa aterro, foi aí que os engenheiros perceberam que seria necessário a construção de uma ponte. depois da construção da ponte devido as fortes correntezas ficou um vão aberto entre ponte e o aterro de mais de 200 metros, onde foi colocada uma balsa que a prefeitura comprou em Santa Isabel uma cidade próxima a Pelotas, está balsa ficou fazendo a travessia entre a Ilha dos Marinheiros e a Ilha do Leonídio. Essa balsa ficou por vários anos fazendo a travessia de veículos, só que tinha um problema com temporal ou quando a água da Lagoa dos Patos estava baixa a travessia ficava impossibilitada de acontecer. No período da noite também não era realizada a travessia. Outro problema era que quando ela estragava quanto não era consertada não tinha outra para fazer a substituição, algumas vezes o exército disponibiliza uma balsa pequena enquanto a da prefeitura estava em manutenção. A prefeitura era cobrado

uma espécie de pedágio para fazer a travessia. (1019, 2022. Transcrição da entrevista, 2022).

Pelas falas do senhor 1019, percebemos o quanto era precária a mobilidade dos moradores da Ilha dos Marinheiros nessa época sequer existia uma estrada propriamente dita, havia apenas caminhos por onde os moradores caminhavam, andavam de bicicleta ou cavalo.

Com a construção da estrada de entorno da Ilha dos Marinheiros já era possível uma maior mobilidade, alguns moradores puderam comprar carros para ter uma melhor qualidade de vida. Após a construção do aterro e a instalação da balsa a vida dos Ilhéus começou a melhorar ainda mais, mesmo longe do ideal, estas pessoas poderiam se deslocar até Rio Grande para comercializar seu produtos em feiras, poderia entrar uma ambulância na Ilha caso alguém passasse mal, os turistas poderiam visitar a localidade, claro que tudo isso em horários limitados, já que a balsa não funcionava a noite, mas já era um grande avanço. Outro ponto importante a ser comentado é que para construção do aterro não houve nenhum tipo de estudo de impacto ambiental, além disso foi retirado areia das dunas algo que proibido por lei nos dia de hoje, por ser uma área de preservação permanente.

A imagem 24 representa a balsa de madeira transportando os materiais e os trabalhadores para a colocação da energia elétrica na Ilha dos Marinheiros.



Fonte: acervo pessoal de 1020, 1980?

Após a construção da estrada que faz o entorno da Ilha dos Marinheiros, outra grande reivindicação antiga dos moradores foi atendida, a instalação da energia elétrica para os Ilhéus, como nos explica a Senhora 1020

“Quando não tínhamos luz elétrica tudo era mais difícil, como não tínhamos água encanada e nem energia para usar as bombas de água elétricas, retirávamos a água das cacimbas e aqueles que tinham mais condições financeiras usavam as bombas manuais. Tinha um senhor chamado Albano Baptista que era representante da prefeitura do município do Rio Grande na Ilha dos Marinheiros, foi esse senhor que lutou para a vinda da energia elétrica para a Ilha dos Marinheiros, assim como havia feito com a construção da estrada e posteriormente com o aterro. O seu Albano conseguiu uma reunião entre os moradores e gerência da ceee, para falar sobre a energia na Ilha, nessa reunião poucos moradores compareceram e por esse motivo a ceee já estava desistindo da instalação da energia, por que naquela época os moradores precisavam pagar uma determinada quantia para que começasse a levar os equipamentos até aqui. Nessa ocasião o seu Albano bateu o pé e disse que se os moradores não pagassem ele mesmo pagava do próprio bolso, a partir daí começaram a trazer os postes e cabos de energia para a Ilha dos Marinheiros. Algumas pessoas se recusaram a pagar por um serviço que era público então demoram mais tempo para ter energia. As primeiras localidades a ter a energia elétrica foram as Bandeirinhas, Porto Rei e Marambaia, as localidades dos fundos e correia levam cerca de quatro anos após a instalação nas outras localidades a ter energia”. (1020, 2022. Transcrição da entrevista, 2022)

A imagem 25 representa uma cacimba usada para retirar água para o consumo



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022.

A imagem 26 representa uma bomba de água manual



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022.

Alguns moradores levaram muitos anos até que conseguissem que a energia elétrica chegassem a suas casas principalmente as localidades que eram mais afastadas dessa região considerada central da Ilha dos Marinheiros que a localidade do Porto de Rei, provavelmente os moradores dos fundos da Ilha dos Marinheiros e da correia por serem pessoas mais humildes e não possuir poder aquisitivo para pagar os custos da instalação da luz elétrica tenham demorado mais tempo até que a ceee começasse a trabalhar nessas localidades. Depois de muitos anos os moradores que pagaram pela instalação receberam seu dinheiro de volta.

Antes da instalação da energia elétrica, poucos moradores da Ilha dos Marinheiros tinham acesso a televisores, os que tinham, eram ligados a baterias que precisavam ser levadas até a Cidade do Rio Grande para serem recarregadas, como nos conta um dos nossos entrevistados que nos descreveu como era nessa época.

“Como não tínhamos energia elétrica na Ilha dos Marinheiros, e como a maioria das pessoas eram humildes, poucos eram os moradores que possuíam uma televisão para assistir, nossa casa era uma das poucas casas que possuía, muitos vizinhos vinham para a nossa casa para assistir a novelas e outros programas de tv, a casa ficava cheia, como as televisões eram preto e branco, comprávamos no centro da Cidade uns papeis coloridos que vendiam na rua para por na frente da tv para elas ficarem coloridas” (1021, 2022. Transcrição da entrevista,2022).

Esse fato narrado pelo Senhor 1021, era bem comum de acontecer na Ilha dos Marinheiros aqueles que tinham condições de ter um aparelho de televisão, recebiam em suas casas para assistir os que não tinham, o programa preferido dos moradores eram as novelas a principal delas era os irmãos coragem, que foi sucesso na época

A imagem 27 representa a balsa que fazia a ligação entre Ilha do Marinheiros e a Cidade do Rio Grande



Fonte: Acervo pessoal 1021,1998.

Tivemos uma conversa com um dos operadores da balsa, 1021, que fazia o trajeto Ilha dos Marinheiros a Cidade do Rio Grande que nos explicou com detalhes como acontecia esse percurso.

“A balsa funcionava a motor NWM, era puxada a cabo esse cabo era trasado no motor, funcionava das sete horas da manhã, parava ao meio dia, retornava a uma da tarde e encerrava as atividades às oito da noite. Aos finais de semana seguia esses mesmos horários, com exceção em dias de festas, nessas ocasiões funcionava vinte e quatro horas por dia, com o mesmo operador, essa era uma dos dias mais trabalhosos principalmente quando tinha passageiros empregados , tinha outro companheiro que trabalhava junto comigo o senhor Elsemir da Silveira, era um dia para cada um trabalhar na balsa. O preço era pago por veículo, caminhão custava cinco reais, carro dois reais moto 50 centavos, era um preço bem em conta, se juntava algum valor quando tinha festa religiosa ou jogo futebol, esses dias, as filas de veículos para atravessar fica bem grande. A balsa suportava até seis carros por vez, no caso de caminhão ou ônibus passava um por vez, no caso do ônibus, primeiro se passava os passageiros com toda a segurança com coletes salva vidas depois o

veículo, chegando do outro lado os passageiros embarcavam novamente e seguiam viagem. A principal dificuldade encontrada era em dias de água cheia pois a balsa ficava muito alto em relação ao aterro e batia nas pedras fato de dificultava o embarque, em dias de tempestades com vento forte não tinha como fazer o trajeto pois não era seguro, inclusive teve um episódio em que uma senhora da correia ela fazia hemodiálise todos os dias, chegou ali para passar para o outro lado, porém não consegui fazer a travessia por conta do vento forte, nessa ocasião essa senhora ficou sem poder fazer seu tratamento. as medidas de segurança era um colete salva vidas para cada passageiro. a capacidade máxima de peso que a balsa suportava era 10 toneladas, o percurso durava de dois a três minutos em dias de muito movimento era mais rápido por que puxávamos mais pelo motor para dar conta de toda a demanda. Em casos de emergência como alguém precisando de atendimento médico ou algo do tipo fora do horário de funcionamento da balsa, era só ir até a nossa casa que a gente atravessava sem problemas, muitas vezes levantei da cama de madrugada para levar alguém do outro lado, não passávamos a noite lá por que muitas vezes não aparecia ninguém e não tinha cama nem nada para passarmos a noite, só tínhamos uma guarita para nos abrigar. Trabalhei nisso durante dez anos.(1021, 2022. Transcrição da entrevista, 2022).

Como a ponte que foi construída não abrangia todo o percurso para ligar a Ilha dos Marinheiros até a Ilha dos Leonidio, ficando um vão de aproximadamente 200 metros, por esse motivo foi necessário aquisição desta balsa como nos explicou o senhor 1019. Essa foi a principal ligação da Ilha dos Marinheiros e a Cidade do Rio Grande por muitos anos, até que foi construída a ponte Wilson Mattos Branco depois de muitas polêmicas que envolveram a construção da mesma.

A imagem 28 representa a ponte Wilson Mattos Branco



Fonte: Clicrbs, 2016.

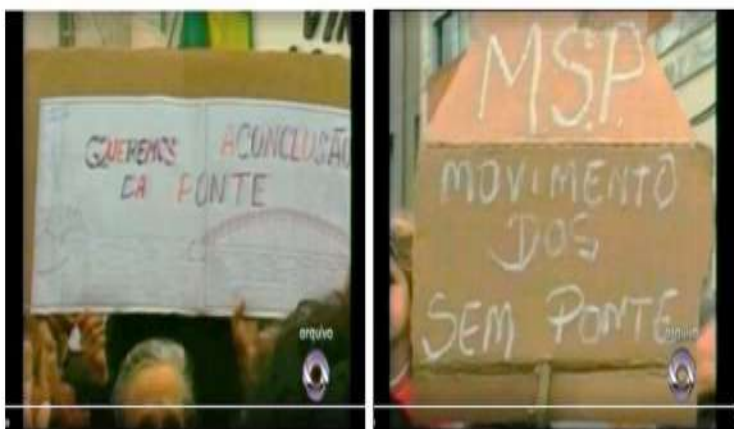
Percebendo-se a necessidade da construção de uma segunda ponte para ligar a Ilha dos Marinheiros a Rio Grande, desta forma o Prefeito da época que era Wilson Mattos Branco, foi até Brasília para captar recursos para a obra, e

conseguiu, com o dinheiro em mãos, deu se início as obras no ano de 1999 que só veio a ser finalizada no ano de 2004. Como nos contou 1022.

“A ponte estava praticamente pronta, faltando apenas as cabeceiras, quando o pessoa do meio ambiente mandou parar a obra, alegando que obra não tinha autorização ambiental desta forma as obras foram paradas, e ficaram assim por muito tempo, ou seja tinha a ponte construída, mas nós não podíamos usar pq não tinha um mísero aterro no final das cabeceiras da ponte. Foi então que os moradores se uniram e decidiram fazer uma mobilização para reivindicar a finalização da obra, o que gerou uma manifestação na frente da prefeitura da Cidade do Rio Grande, com um grande número de apoiadores. Nesta data o Ibama autorizou a retomada da construção, se passou algum tempo e a prefeitura não retornava as obras, o que nos revoltou porque agora não tinha mais nada que impedisse o prosseguimento da ponte, então mais uma vez os moradores se mobilizaram e montaram um mutirão para eles mesmo finalizarem a obra, e acabaram realmente conseguindo, porém a prefeitura interveio e acabou desmanchando todo o nosso trabalho, mas como o nosso movimento chamou muito atenção, a prefeitura acabou terminando a obra desta vez definitiva pouco tempo depois.(1022,2022. Transcrição da entrevista, 2022).

Com a finalização das obras a balsa que fazia a travessia da Ilha dos Marinheiros até a Ilha dos Leonídio, foi enfim desativada e os moradores puderam utilizar finalmente a ponte, essa conquista melhorou muito a vida dos Ilhéus, já que antes da ponte depois das dezoito horas a única maneira de chegar até a Cidade do Rio Grande era através utilização de barcos particulares.

A imagem 29 representa reportagem da RBSTV sobre os protestos dos moradores para construção da ponte



Fonte: RBSTV, 2000?

A imagem 30 representam as carreiras de caicos que aconteciam na Ilha dos Marinheiros



Fonte: Acervo pessoal de 1023, 2015.

As carreiras de caicos eram muito tradicionais na Ilha dos Marinheiros, vários moradores se reuniam para disputar a corrida, que na maioria das vezes tinha uma quantia em dinheiros como prêmio para os três primeiros lugares, para disputar as carreiras era necessário que as embarcações estivessem de acordo com algumas exigências pré estabelecidas.

“Para participar das competições era necessário que a equipe seguisse algumas exigências previamente estabelecidas, a maioria delas era ligada aos caicos, por exemplo as embarcações não poderiam ter mais de cinco metros de comprimento e seriam caicós de boca aberta, ou seja eram abertos, cada barco só poderia levar três pessoas durante a competição. Não havia nenhuma regra para as velas das embarcações, cada equipe escolhia as velas de acordo com a velocidade dos ventos, se o vento estivesse soprando fraco se colocava uma vela maior, se fosse forte a escolhida seria uma menor, esse era motivo de brigas entre várias equipes pois a escolha do tamanho da vela poderia determinar quem venceria a competição. tenho muitas histórias sobre as carreiras uma delas é que uma vez afundei duas vezes o caicó durante uma competição, a primeira foi logo na largada conseguimos esgotar a embarcação e retornar para a disputa, porém logo fomos cercados por dois caicós rivais, e devido a proximidade das duas embarcações e o vento forte começou a jogar muita água para dentro do nosso caicó e acabamos naufragando novamente aí não conseguimos voltar para a competição. As carreiras não tinham um tempo certo de duração, elas duravam o tempo que fosse necessário para fazer o percurso pré estabelecido, eram colocadas bóias que demarcavam onde começou a carreira e onde terminava, nessas carreiras mais atuais os competidores iam a favor do vento e voltavam contra ou vice versa. Quando se começava a corrida a favor do vento era mais complicado porque tínhamos que carregar o lastro que nada mais é que areia para

balancear o peso do caicó, mesmo sem precisar dele, pois na volta seria necessário usá-lo. Geralmente essas competições eram organizadas pelo museu oceanográfico, que sabia da existência desta tradicional competição que foi criada na Ilha dos Marinheiros, essas competições não acontecem já alguns anos, porém mantenho meu caicó sempre preparado para assim que tiver uma nova competição ele voltar para o mar, caso contrário estará bem guardado como uma recordação ao lado dos amigos”. (1023, 2022. Transcrição da entrevista.)

O senhor 1023 nos explicou que os mais antigos corriam as carreiras de uma maneira diferente da qual foi citada acima, os barcos eram fechados, e era permitido quatro competidores, além disso a embarcação não poderia ter nenhuma tabua de sua estrutura emendada, pois acreditavam que pudesse aumentar o tamanho do barco que não podia passar de cinco metros, e as carreiras eram sempre a favor do vento. As carreiras coloriam a lagoa dos patos com as velas coloridas das embarcações criando lindos cenários.

A imagem 31 representa um prato de aletria um dos pratos típicos da Ilha dos Marinheiros



Fonte: Arquivo pessoal de 1024, 2021.

Uma das sobremesas mais típicas da Ilha dos Marinheiros é a aletria, que é um prato que foi herdado dos colonizadores portugueses, o doce é feito com macarrão cabelo de anjo, que geralmente é servido na ceia de natal. A Senhora 1024 nos explicou um pouco sobre essa saborosa sobremesa.

“ Aprendi a fazer a aletria com a minha falecida avó, que era portuguesa, ela costumava fazer sempre para comemorarmos no Natal, praticamente todas as famílias da Ilha dos Marinheiros fazem esse doce para comer na ceia de Natal. A aletria é feita com o macarrão cabelo de anjo, um litro de leite, trezentas gramas de açúcar, três gemas de ovos, se quiser pode por raspas de limão e canela em pó, tem algumas pessoas que fazer com água no lugar do leite, mas eu costumo fazer com leite acho mais gostoso. o

modo de preparar é muito simples se coloca o leite a ferver com o açúcar, depois se coloca o macarrão para cozinhar em fogo médio, não pode ser em fogo alto por que senão vai acabar pegando no fundo da panela, depois tira da panela, adicione as gemas e pronto é só esperar esfriar e comer. Lembro que minha avó sempre me deixava raspar a panela, era um momento que sempre passamos juntas. (1024,2022. Transcrição da entrevista,2022).

Assim como a aletria existem outros doces que são bem típicos da localidade da Ilha dos Marinheiros, como doce de melancia de porco, doce de abóbora, ambrosia, doce de figo, entre outros, a grande maioria da matéria prima para a produção desses doce é colhida nas próprias chácaras do moradores.

Outro prato muito consumido na região da Ilha dos Marinheiros é uma espécie de bolo frito, feito com abóbora e farinha de trigo, que é perfeito para acompanhar um café da tarde.

“O bilharacos era muito consumido nos ternos de reis, as donas de casa costumavam preparar os bolinhos para esperar a visita dos ternos de reis, esse é um prato típico de Portugal e foi trazido para cá pelos colonizadores portugueses, também é ótimo para acompanhar o café da tarde de um domingo na companhia da família e amigos “. (1024, 2022. Transcrição da entrevista,2022).

A imagem 32 representa o lagar utilizado para a fabricação de vinho e jeropiga



Fonte: Arquivo pessoal da Senhora 1004, 2016.

A Ilha dos Marinheiros se destaca a anos na produção de bebidas como jeropiga e vinho. A jeropiga tem origem portuguesa, e é patrimônio histórico e imaterial da Cidade do Rio Grande, RS. A senhora 1004 nos contou um pouco

sobre como eram feitas essas bebidas por seu pai na sua chácara na localidade dos fundos.

“Plantamos muitas uvas para produzir vinho e jeropiga, a produção era totalmente artesanal bem diferente da forma que os produtores fazem hoje em dia aqui na Ilha dos Marinheiros. Colhíamos as uvas e as levamos para o galpão onde elas eram colocadas no lagar, onde nós lavávamos bem os pés para que entrássemos dentro do lagar para amassar as uvas com os nossos pés, o lagar onde fica por um tempo para fermentar, o lagar tinha uma pequena abertura embaixo para que o líquido das uvas escorresse para outro compartimento de onde seria retirado para barris onde seria armazenado o vinho, esses barris eram chegados para que terminasse de fermentar por algumas semanas. Os bagaços das uvas que ficavam no lagar eram levados para uma prensa onde eram prensados para que saísse toda a calda das uvas, esse caldo seria levado para fermentar e ser transformado em vinho esse vinho oriundo dos bagaços era um pouco mais fraco que os outros. A jeropiga é fabricada com os primeiros sucos que sai do lagar, o líquido é retirado antes da fermentação e depois acrescenta-se o álcool, a bebida se assemelha a um vinho do porto”. (1004, 2022. Transcrição da entrevista, 2022).

Essa maneira de produzir vinho e jeropiga é totalmente artesanal e poderia ser usada para atrair turistas para a Ilha dos Marinheiros, quem não gostaria de participar do preparo de uma boa jeropiga, seria muito interessante utilizar a grande riqueza cultural herdada dos colonizadores para investir em turismo sustentável, levando em consideração as belezas naturais do local somadas a uma grande diversidade de culturas, provavelmente seria um grande potencial turístico.

5 Considerações finais

O presente trabalho teve como objetivo geral investigar a memória como fonte de informação através dos moradores da Ilha dos Marinheiros, Rio Grande/RS. Os objetivos específicos foram Identificar a memória dos moradores da Ilha dos Marinheiros, Rio Grande/RS; Coletar através da memória dos moradores da Ilha dos Marinheiros, Rio Grande/RS, informações acerca de tradições, religiosidades, crenças e saberes; Apresentar e representar as memórias recuperadas como fontes de informação, observou-se que os objetivos foram atingidos.

A pergunta de pesquisa que surgiu através do problema de pesquisa pode-se considerar como respondida, pois através das respostas obtidas ao aplicar as entrevistas, foram apresentadas diversas informações relevantes sobre a comunidade da Ilha dos Marinheiros.

A primeira hipótese deste estudo foi confirmada de que as memórias dos moradores da Ilha dos Marinheiros são relevantes como fonte de informação para a cultura nacional. Já a segunda hipótese dizia que as memórias dos moradores da Ilha dos Marinheiros não são relevantes como fonte de informação para a cultura nacional e foi refutada.

Após a análise e a interpretação das informações levantadas com a presente pesquisa, pode-se constatar quais eram as memórias dos moradores da Ilha dos Marinheiros, Rio Grande/RS, coletamos por meio da oralidade informações sobre os tradicionais vinhos, jeropiga e a culinária da Ilha dos Marinheiros, as crenças das benzeduras, as festas religiosas e os artesanatos locais.

Identificou-se também um pouco da história da comunidade da Ilha dos Marinheiros através do olhar dos próprios moradores, como as grandes mudanças estruturais que a Ilha dos Marinheiros sofreu ao longo dos anos. como por exemplo a história das casas históricas, como os contos que vêm sendo passados de geração a geração.

Podemos perceber a grande importância que a Ilha dos Marinheiros, Rio Grande/RS, possui como fonte de informação cultural, para o nosso país, o grande potencial que a comunidade possui, com um povo acolhedor que guarda muitas histórias.

Surge então a reflexão em relação a quanto a Ilha dos Marinheiros poderia ser uma potência, tanto em turismo quanto em agricultura familiar com suas frutas e hortaliças. essa duas culturas poderiam se completar e atrair vários turistas com o

chamado turismo rural, entretanto as mais belas construções que haviam na localidade foram destruídas, assim como o cultivo de frutas tendo em vista que graças ao mercado cada vez mais competitivo acabaram desistindo de plantar.

REFERÊNCIA

ALBERTI, V. **História oral**: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1989.

ARAÚJO, Emanuel. **A Construção do livro**: princípios da técnica de editoração. 2. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2008.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR10520: Informação e documentos - Citações em documentos - Apresentação. Rio de Janeiro, 2020.

_____.NBR 6023: Informação e Documentação - Referências - Elaboração. Rio de Janeiro, 2018.

_____.NBR 15287: Informação e Documentação - Projeto de pesquisa. Rio de Janeiro, 2011.

_____.NBR 6027: Informação e Documentação - Sumário. Rio de Janeiro, 2012.

AZEVEDO, Ana Lucia Morisson. **A ilha dos três Antônio**s. Rio Grande: FURG, 2003.

BLATTMANN, Ursula. **Fontes de Informação**: Primárias, Secundárias e Terciárias. 2015. Disponível em: <http://bib-ci.wikidot.com/fontes-primarias>. Acesso em: 29 nov, 2021.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1995

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

CONNERTON, Paul. **Como as sociedades recordam**. Portugal: Celta, 1993.

FENTRESS, James; WICKHAM, Chris.**Memória social**: novas perspectivas sobre o passado. Lisboa: Teorema, 1992.

FLORES Pedroso, Sergio. **A carga cultural compartilhada: a passagem para a interculturalidade no ensino de português língua estrangeira.** 1999. 140p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, [SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/269414>. Acesso em: 16 nov. 2021.

KALISKOSKI, Daniela C; VASCONCELLOS, Marcelo. **Estudo das condições técnicas, econômicas e ambientais da pesca escala no estuário da lagoa dos patos, Brasil uma metodologia de avaliação.** Roma circular de pesca e aquicultura N°1075, 2013.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Práticas e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.). **Usos e abusos da história oral.** 2.de. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

MACIEL, Marcia Wojtowicz. O Potencial Turístico da Ilha dos Marinheiros. **Boletim Gaúcho de Geografia**, v. 26, n. 1, 2000. Disponível em: <file:///C:/Users/Marcos/Downloads/39718-Texto%20do%20artigo-167167-3-10-20130816.pdf>. Acesso em 23 mai. 2022.

HALBWACHS, Maurício. Espacio y memoria colectiva. **Estudios sobre las culturas contemporâneas** , v. 3, n. 9, pág. 11-40, 1990.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da Metodologia Científica.** São Paulo: Editora Atlas, 2003.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Os novos rumos da história oral: o caso brasileiro. **Revista de história**, n. 155, p. 191-203, 2006.

MENDES, Aline Bastos. **Diversificação de renda na pesca artesanal: um estudo na ilha dos marinheiros, rio grande/rs.** 2019. 107 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós Graduação em Geografia, Ppggeo, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2019. Disponível em:

<http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/8634/Aline.pdf?sequence=1>. Acesso em: 17 nov. 2021.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001

MOTTA, Márcia. **Direito à terra no Brasil: a gestação do conflito, 1795-1824**. São Paulo: Alameda, 2009.

NORA. Pierre. **Entre Memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História. São Paulo. v.10. dez. 1993.

OLIVEIRA, Ely Francina T. de; FERREIRA, Karen Eloise. Fontes de informação on line em arquivologia: uma avaliação métrica. **Biblios**, Rio Grande, v.23, n.2, p.69-76, 2009. Disponível em: <file:///C:/Users/Marcos/Downloads/1302-Texto%20do%20artigo-3106-1-10-20100405.pdf>. Acesso em 29 nov, 2021.

PEDROSO, S. F. **A carga cultural compartilhada: a passagem para a interculturalidade no ensino de português e língua estrangeira**. Campinas, 1999.

NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. **Projeto história**, v. 10, n. 10, p. 7-28, 1993.

POPE, Catherine; MAYS, Nicholas. **Pesquisa qualitativa na atenção à saúde**. 2ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2005. 118 p.

PINTO, Pimentel Júlio. **Uma memória do mundo: ficção, memória e história**.

POLLAK, Michel. **Memória e identidade social**. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro. v.5. n.10. 1992. 76

_____. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro. v.2. n.3. 1989.

ROUSSO, Henry. **A memória não é mais o que era**. IN: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). Usos e Abusos da História

Oral. Na segunda metade dos anos cinquenta. 4 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1992, p. 93 -104.

RUIVO, José Carlos Vieira . **Contribuição para a história da ilha dos Marinheiros, Rio Grande- RS.** in: F.N. Alves & L.H. Torres (org). Temas de História do Rio Grande do Sul . Editora da FURG. Rio Grande/RS, 1994.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von. **Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento:** o exemplo do Centro de Memória da Unicamp. Disponível em: <http://www.lite.fe.unicamp.br/revista/vonsimson.html>. Acesso em: 22 nov, 2021.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado.** São Paulo: Paz e Terra, 1992

KALIKOSKI, Daniela Coswig; VASCONCELLOS, Marcelo. Estudo das condições técnicas, econômicas e ambientais da pesca de pequena escala no estuário da Lagoa dos Patos, Brasil: uma metodologia de avaliação. **FAO, Circular de Pesca e Aquicultura**, n. 1075, p. 2013, 2013.

APÊNDICE – Termo de Autorização de uso de entrevistas/falas e imagens utilizado com os entrevistados desta pesquisa.

ADULTO

Neste ato, _____, nacionalidade _____, estado civil _____, portador da Cédula de identidade RG nº. _____, residente à Av/Rua _____, nº. _____, município de _____/Rio Grande do Sul. AUTORIZO o uso de minha ENTREVISTA/ FALAS E IMAGEM(S) em todo e qualquer material entre fotos e documentos, para ser utilizada em consonância com e no Projeto de Pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso da Graduação em Biblioteconomia, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha ENTREVISTA/FALAS E IMAGEM(S) ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

_____, dia ____ de _____ de _____.

(assinatura)

Nome Completo:
Telefone p/ contato: